

A MEMÓRIA DOS DIAS NO *DIÁRIO DA PESTE*, DE GONÇALO TAVARES

Isabela Mendonça de Carvalho Monteiro¹

RESUMO

Este trabalho abordará a construção da memória no *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares, obra publicada virtualmente ao longo de noventa dias consecutivos – de março a junho de 2020 – e impressa em 2021 sob o título *Diário da Peste – O Ano de 2020*. Escrito durante o isolamento em função da pandemia de 2020, o *Diário da Peste* registra não apenas os dias, mas consigna, simultaneamente, pensamentos sobre a obra, sobre os acontecimentos e sobre a vida daquele que escreve. Buscaremos mostrar como esse diário, impulsionado por um acontecimento mundial, opera como uma espécie de arquivo, de memória do mundo, não se restringindo ao cotidiano de Gonçalo Tavares – como a utilização da palavra “diário” talvez leve a crer. A partir de aspectos relacionados à memória, ao documento e à vivência daquele momento, pretende-se apresentar o modo como eles aparecem e são articulados nos textos do *Diário da Peste*, para então aproximá-los da teoria do arquivo de Jacques Derrida, presente em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, e daquilo que Herberto Helder, em *Photomaton e Vox*, nomeia “invenção viva”. Tal aproximação visa a estabelecer uma ligação entre os processos de criação e arquivamento digital do *Diário da Peste* como fatores significativos para a produção literária.

Palavras-chave: Gonçalo Tavares, Arquivo, Memória.

¹ Graduada em Letras pela UFGM e mestranda em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, na linha de Edição, Linguagem e Tecnologia; isabelamonteiro1@yahoo.com.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento

INTRODUÇÃO

Comumente, diários são manuscritos – não necessariamente literários – restritos ao uso da pessoa que o escreve, aos quais não se costuma ter acesso. O objeto deste trabalho, o *Diário da Peste*, difere dessa ideia de diário em quase todos os aspectos: é o diário virtual de um escritor – Gonçalo Tavares – publicado no site de um jornal português, com acesso livre a todos os leitores.

Escrito durante o isolamento em função da pandemia de 2020, o *Diário da Peste* registra não apenas os dias, mas consigna, simultaneamente, pensamentos sobre a obra, sobre os acontecimentos e sobre a vida daquele que escreve. Com as particularidades da virtualidade, esse diário, impulsionado por um acontecimento mundial, opera como uma espécie de arquivo, de memória do mundo, não se restringindo ao cotidiano de Gonçalo Tavares.

No desenvolvimento deste estudo, a partir da teoria do arquivo de Jacques Derrida, presente em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, são apresentados alguns aspectos da memória e do documento, aproximando-os dos textos do *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares, e daquilo que Herberto Helder, em *Photomaton e Vox*, nomeia “invenção viva”. Com essa mirada, pretende-se relacionar o processo de criação com a vivência dos dias da pandemia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das mais complexas funções do organismo humano, a memória, é assim definida pelo *Dicionário Houaiss*: “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos”; “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência” (HOUAISS, 2009).

Em ambas as acepções, nota-se um movimento que, além de estar associado a um tempo passado, mobiliza não a matéria corpórea, mas “estados de consciência” e “espírito”. A recuperação desse já vivido se daria, conforme tais definições, de modo fortuito – como “aquilo que ocorre ao espírito” – ou como possibilidade, faculdade, podendo haver intenção de conservação.

Essas concepções de memória representam uma antiga tradição memorialista de escrita cujo processo cumpriria uma espécie de retorno ao passado a fim de lá capturar o ocorrido, trazendo-o para o presente

da narrativa. Na trajetória dessa escrita memorialista, supunha-se que o vivido, ao ser recuperado, viria intacto, sem qualquer tipo de rasura ou desfiguração, lá do lugar onde as lembranças habitariam ou onde elas poderiam ser buscadas e encontradas tal qual ocorreram um dia.

No entanto, como nos lembra Lucia Castello Branco, em *A traição de Penélope*, a respeito da escrita memorialista: para que se construa essa “ilusão do resgate do real” (BRANCO, 1994, p. 24), há que se desconsiderar que a memória é mediada pela linguagem e que somente através dela que se resgatam as imagens do passado. Ocorrem, portanto, dois gestos simultâneos: uma retroação ao que *já não é* e um movimento em direção ao que *ainda não é*, presentificado no momento de realização da representação verbal.

Compreender a memória sem considerar esses dois gestos, esses dois movimentos, é recair, ingenuamente, na ilusão de uma captura do real, de uma conservação fossilizada do passado e de uma falsa inteireza do sujeito que efetua a rememoração. É desconhecer que o tempo, apesar da linearidade que lhe é atribuída, constrói-se de descontinuidades, saltos e rupturas, que é em meio aos interstícios desses deslocamentos, em meio às brechas que se abrem nas malhas desse tecido, que se dá o processo de memória. (BRANCO, 1994, p. 25)

Debruçar-se sobre o passado significa estar diante de seus vestígios e não diante de uma completude inteiramente armazenada e a todo tempo recuperável tal como supostamente teria sido. Admitir a não inteireza do passado, suas lacunas, saltos e rupturas é considerar outra perspectiva do processo da memória: a que se relaciona também com o futuro, com aquilo que *ainda não é*.

Na linguagem, o sujeito tenta estabelecer relação entre esses rastros, construir uma continuidade. No entanto, no momento em que se tenta reviver o vivido, a linguagem já não é mais apenas a experiência nem somente o que dela restou como traço na memória, mas sim um amálgama de vestígios e recriação da experiência. Freud, citado por Derrida, no texto “Freud e a cena da escritura”, assim esclarece parte do funcionamento desse sistema:

Das nossas percepções permanece no nosso aparelho psíquico um traço (*Spur*) que podemos chamar ‘traço mnésico’ (*Erinnerungspur*). A função que se relaciona com este traço mnésico é por nós denominada ‘memória’.

Se levarmos a sério o projeto de ligar os acontecimentos psíquicos a sistema, o traço mnésico só pode consistir em modificações permanentes dos elementos do sistema. (FREUD, 1925 apud DERRIDA, 2009, p. 317)

O amálgama composto por traços mnésicos e reinvenção dos traços da experiência vivida comporta em si a suspensão temporal em que o traço flutua – o vestígio de uma temporalidade passada – e o presente em que se constroem hipóteses do que teria sido de fato a experiência. Essa espécie de atualização realizada pela memória – as “modificações permanentes” de que fala Freud – articula esses dois tempos diferentes sem os fazer coincidir, mas sobreimprimindo-os.

“Os traços não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período de sua desapareição. Desde a origem, no ‘presente’ da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e de ilegibilidade.”, diz-nos Derrida (2009, p. 331). No movimento de idas e vindas dessa espécie de sobreimpressão das temporalidades, os traços emergem, mas desaparecem em sua legibilidade e são, então, rasurados, tornando-se algo diferente.

DISCUSSÃO

O poeta português Herberto Helder, em um livro intitulado *Photomaton e Vox*, ao refletir sobre a natureza da experiência, da memória e das escritas da memória, permite alguns passos a mais na elaboração de Derrida:

A experiência é uma invenção.

Sou um registo vivamente problemático. A memória é improvável. A biografia é uma hipótese cuja contradição não esgota. E quando uma criatura não atinge as garantias da sua criação, não encontra provas da sua existência. Poderia escrever cem relatos diversos. Neste sentido seriam todos falsos. Mas seriam verdadeiros por serem todos uma invenção viva.

A realidade é apenas o que se propõe como tal. Mas devemos-nos munir sempre de uma ironia que coloque dubitativamente a nossa mesma proposta. A vida assenta na tensão que as desavindas propostas de verdade estabelecem entre si. (HELDER, 2013, p. 67).

A cada vez que se busca rememorar uma experiência – já não mais a experiência em si, mas uma percepção dela –, constrói-se uma instância

terceira: nas palavras de Herberto Helder, a “invenção viva”. Por isso, de um mesmo acontecimento, a mesma pessoa “poderia escrever cem relatos diversos. Neste sentido seriam todos falsos. Mas seriam verdadeiros por serem todos uma invenção viva”. Ainda com Herberto Helder, poder-se-ia dizer que os textos oriundos desses relatos diversos – para além de falsos e verdadeiros – seriam, ao mesmo tempo, abertos e fechados. Fechados, por se tratarem de maneiras variadas de considerar o mesmo acontecimento; abertos, por evidenciarem as múltiplas possibilidades de uma mesma consideração. Tais características não se excluem e, recuperando as palavras de Derrida a respeito dos traços mnésicos, constituem-se “pela dupla força de repetição e de desaparecimento, de legibilidade e de ilegitimidade”.

Assim, a conservação da memória, quando pensada do ponto de vista da escrita, pode ser entendida como uma operação de arquivamento para além da informação, pois aquilo que se arquiva é sempre modificado pela memória e, sendo organizado pela linguagem, é por ela não exatamente reproduzido, mas produzido. Um “registo vivamente problemático”, produtor da realidade e da própria memória como conjunto de hipóteses que, ainda que se contradigam, guardam algo do que foi uma experiência.

A tensão constante da memória entre presença e ausência – “presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”, explica Gagnebin (2009, p. 44) – concerne não apenas à escrita memorialista de cunho fictício ou biográfico, estende-se também ao discurso histórico. Ao passado, referem-se tanto a história quanto a memória e não há entendimento fácil entre ambas.

Nesse sentido, a própria história, como campo de disputa discursiva de interpretações de arquivos, tende a seguir a lógica do discurso memorialístico: construir uma suposta continuidade a partir daquilo que é descontínuo, dos traços. Entretanto, há que se ressaltar que o relato da história é sempre um pensamento e uma elaboração fundados em pesquisas de documentos. Mas, sabemos, não basta o acesso a documentos para se reconstruir o que de fato teriam sido os acontecimentos. Há algo inabordável no passado que permanece marcado como lacuna, buraco, incompletude, e que conduz a atividade historiadora para a produção daquilo que estava sem registro.

Assim, o historiador, ao interpretar o que de um tempo resta, precisa recolher e reunir indícios a fim de estabelecer ligações, fazer passagens e,

dessa maneira, reconstruir a experiência como hipótese do que teria sido o passado. O procedimento de montagem seria, nesse caso, uma construção fundada em documentos, mas sempre em algum nível parcial, já que há, no mínimo, a mão do historiador a agenciar fatos em uma narrativa. Afinal, no instante vivo em que a história acontece (e também quando é escrita), há já uma série de discursos latentes em disputa, cujos sentidos potenciais esperam ser nomeados ou silenciados pelos historiadores.

A todo esse sistema discursivo que estabelece uma “condição de realidade para enunciados” (FOUCAULT, 2020, p. 155) – transformando-os em “acontecimentos de um lado, coisas de outro” (FOUCAULT, 2020, p. 157) e construindo uma realidade histórica –, Foucault propõe nomear “arquivo”:

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas. (FOUCAULT, 2020, p. 158)

O arquivo, para Foucault, não é, portanto, apenas registro, acumulação e guarda de textos, documentos e memórias, mas uma prática que faz surgir enunciados múltiplos e permite que eles coexistam, subsistam, modifiquem-se regularmente e também desapareçam. Esse complexo sistema de discursividade estabelece conexões entre alguns discursos e exclui os demais. Desse modo, o arquivo seleciona o que estará conectado à história e o que dela será esfumado ou mesmo excluído.

Por outro lado, o “arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade” (FOUCAULT, 2020, p. 159), pois, como sujeitos, é no interior de suas regras que falamos, isto é através da linguagem, de uma organização simbólica. Contudo, ao mesmo tempo em que se organiza simbolicamente, o arquivo também se dispersa e escapa a toda representação que se queira totalizante, uma vez que não é inteiramente descritível nem de todo contornável em sua atualidade. Assim, ele estabelece também a diferença entre os discursos, as histórias e os tempos.

Se, para Foucault, o arquivo se constitui pela diferença e pela dispersão, em Derrida o princípio do arquivo é o da consignação. Partindo dos dois sentidos possíveis (começo e comando) abrigados na raiz da palavra *arkheion* – da qual derivou *archivum*, que, por sua vez originou *arquivo* –, ele expõe como o arquivo reúne em si tanto a lei que se inscreve quanto o direito que a autoriza. Aquele que consigna o arquivo (o arconte) é quem dispõe das informações e as organiza e, portanto, quem detém o poder instituidor e conservador do arquivo.

A tal poder, Derrida relaciona, ainda, o trabalho permanente da pulsão de morte, presente na teoria freudiana, de arquivar – na acepção de tirar da vida, desvitalizar – e destruir o arquivo – apagar a memória, a lembrança. Indissociado desse *mal de arquivo*, estaria o lugar que se opõe à falta da memória: o próprio arquivo. Por isso, Derrida afirma que: “*não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior*” (DERRIDA, 2001, p. 22. Grifo do autor).

À semelhança da teoria foucaultiana, para Derrida, o registro – e também o desaparecimento – do arquivo decorre de uma seleção por parte daquele que detém o poder. No entanto, o poder de seleção seria estruturalmente indissociável da pulsão de morte como exterioridade. Por esse motivo,

a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação. (DERRIDA, 2001, p. 29)

Nesse aspecto, o arquivo derridiano se afasta da ideia de arquivo de Foucault ao propor que, em vez de ser o conteúdo a parte determinante do processo de arquivamento, é a estrutura técnica do arquivo (a exterioridade, o “arquivo *arquivante*”) que decidirá aquilo que será ou não arquivado. Nesse sentido, chama atenção a relevância do aspecto técnico. É essa estrutura que determinará o “conteúdo *arquivável*” em sua relação com o futuro, não apenas no que concerne às possibilidades de (re)produção, impressão, conservação e destruição, mas também no que diz respeito às experiências e mudanças políticas, tal como uma “aposta”:

O arquivo sempre foi um *penhor* e, como todo penhor, um penhor do futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquivava da mesma

maneira. O sentido arquivável se deixa também, e de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante. (DERRIDA, 2001, p. 31)

A correlação entre o sentido arquivável e a estrutura arquivante que tem a pulsão de morte como aquilo que faz com que o arquivo seja sempre “bambo” pode ser pensada também nos arquivos do *Diário da Peste*², de Gonçalo Tavares.

CONSIDERAÇÕES

Diante da necessidade de distanciamento social como medida para minimizar a propagação da covid-19, Gonçalo M. Tavares – escritor contemporâneo de língua portuguesa – passou a registrar o momento em textos escritos dia a dia. “Energia primeiro fechada em casa. Mas se a energia não sai em texto, essa energia torna fraco e demente quem a tem. / Necessidade absoluta, diário.” (TAVARES, 21/6/2020)³.

Para além da “necessidade absoluta”, o autor também afirma haver “uma evidente violência física fazer este diário. / [...] / E uma tensão de documentar, de assinalar em tempo real o que sucede e se sente.” (TAVARES, 9/6/2020).

Uma das definições do *Dicionário Houaiss* para “documentar” é “provar (alguma coisa) através de documentos” (HOUAISS, 2009). Para “assinalar”, além da acepção de “fazer registro de”, o mesmo Houaiss apresenta “diferenciar por traços especiais” e também “tornar-se visível, perceptível” (HOUAISS, 2009).

A partir dessas significações, retomemos as noções de traço mnésico e de exterioridade. O traço, como vestígio da experiência, será condição para se poder propor nomeações sobre o que foi a experiência. Entretanto, ao tentar nomeá-la, a linguagem produz o traço como exterioridade – “arquivo *arquivante*” – à própria linguagem. Assim, as tentativas de nomeação do traço acabarão por rasurá-lo e, em seu lugar, produzirão uma sucessão de dizeres assinalados pelo que foi o traço da

2 O *Diário da Peste* trata-se de uma publicação online de noventa textos diários, no site do jornal português *Expresso*, iniciada em 24 de março de 2020.

3 Todos os textos do Diário da Peste estão datados e foram publicados, no site do *Expresso*, no dia seguinte ao indicado no texto. Para facilitar uma possível busca ao conteúdo original, optou-se aqui por indicá-los pela data de sua publicação no site. Os links que dão acesso aos textos citados encontram-se nas referências bibliográficas.

experiência, sem coincidir nem com a experiência nem com o traço em si. Desse modo, pode-se supor que a tensão entre as tarefas de registrar por meio de documentos e de permitir o reconhecimento daquilo que se experimenta em relação ao que acontece, é indício de certo embate com o *mal de arquivo*.

Constituir, “em tempo real”, um grande arquivo – o *Diário da Peste* – que contenha tanto a experiência do acontecimento quanto os muitos fatos ocorridos é, por certo, esforço enorme. Esforço que demanda elaboração simbólica, trabalho com a linguagem, não com a linguagem comprometida com a informação jornalística, mas com aquela que recrie a “invenção viva”. De tal empreendimento, nem sempre a linguagem cotidiana dá conta. A literatura, então, seria uma saída para essa inadequação da linguagem ao real, tal como nos ensina Roland Barthes:

Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – pode ser dito de vários modos: quer o definamos, com Lacan, como o *impossível*, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca quer render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura. (BARTHES, 2007, p. 21-22).

A “faina incessante” no *Diário da Peste*: manter viva a experiência do acontecimento sem adaptar – ou mesmo subtrair – as singularidades sem encaixar o registro dos dias na regularidade de um modelo, de um tipo de documento em que se supõe tudo nele já estar dito (ou escrito). Em última instância, o trabalho árduo de escrita mantém viva a força de afecção do acontecimento:

Diante do acontecimento ficar atento e em pé.

Força contra o muito mais forte.

Ou estás presente nos dias fortes ou foges. Ou de boca aberta fazes um ohh como som, resposta e pasmo.

Diário da Peste como companheiro nos dias duros e nos dias feitos para ver.

Necessidade e tensão.

E tentativa de documento para que a memória bamba
deixe um vestígio mais claro.

(TAVARES, 21/6/2020)

“Para que a memória bamba deixe um vestígio mais claro”, tudo que o olhar capta, seja na realidade próxima seja pelas telas que o cercam, pode virar matéria de escrita: cinema, poesia, anúncios, notícias, música, filosofia, os animais de estimação, mensagens recebidas, lembranças, o cotidiano ou mesmo textos publicitários.

Sem razão alguma ponho-me a analisar a estrutura de um telescópio.

E a pensar como subitamente este aparelho foi abandonado nas últimas semanas. Não vais querer pôr-te a focar com uma lente um planeta ou uma constelação qualquer.

Tóquio regista o maior número de novos casos num só dia e milhões de indianos desligaram as luzes às 21 horas e foram até às “janelas, varandas, terraços” com velas na mão.

A luz como aquilo que salva e junta, mas curioso que não a luz eléctrica mas a luz que vem do fogo.

Peço desculpa por hoje estar triste.

Amanhã será certamente um outro dia.

Faço festas à Roma e à Jeri, companheiras ao lado de outros companheiros humanos.

Ainda o filme “Embriagado de mulheres e de Pintura” de Im Kwon-Taek.

(TAVARES, 6/4/2020).

Os registos não acompanham a ordem linear dos acontecimentos do dia e a progressão textual segue o vaivém do olhar e do pensamento. É de um ver, portanto, que se trata. Ver e, como quem desenha uma realidade para dar-lhe uma forma visível, produzir uma ideia. A escrita do *Diário* funcionaria como uma tentativa também de “entender um pouco mais” (TAVARES, 9/6/2020), como um arquivo que produz para o futuro. Procedimento similar àquele realizado nos cadernos de diários mais convencionais – comumente manuscritos restritos ao uso íntimo daquele que o escreve –, com a significativa diferença de o *Diário da Peste* estar acessível na internet. Relembrando Derrida: “não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquia da mesma maneira.”

A escrita desse “penhor do futuro” – o *Diário da Peste* – aparece sem dizeres periféricos: não são desenvolvidas explicações nem relações de

causa e consequência, há pouca dependência sintática entre os enunciados. Em função dessa estrutura e devido à alternância das ideias – um pensamento pode se apresentar no início do texto e ressurgir mais adiante ou até em outro texto –, as frases por vezes podem parecer desconectadas entre si. A própria divisão do texto com, geralmente, uma frase em cada linha contribui para a impressão passageira de desconexão. No entanto, não são informações aleatórias dispostas em um espaço homogêneo. A soma de todos os textos forma um arquivo – uma espécie de caleidoscópio – e também um sujeito. Sujeito objetivo e sem discurso moral a respeito de como o mundo lida com a pandemia. Como se quem escrevesse o diário fosse o mundo, o tempo, ou mesmo a peste.

A oscilação desse olhar que mira recortes do cotidiano e o que se mantém suspenso e, portanto, vislumbra a dimensão de conjunto sinaliza uma construção textual entre a literatura, o jornalismo e a história, mas que, não sendo exclusivamente ficção nem história nem memória, produz outra coisa, talvez a “invenção viva” de Herbert Helder.

Apesar de Helder e Tavares sinalizarem a improbabilidade da memória, a tensão de escrita do *Diário da Peste* parece localizar-se em ponto diverso daquele apontado por Herberto Helder, que, sem se fechar em um raciocínio dialético, aproxima elementos distintos – como falsidade e verdade – tensiona as “desavindas propostas de verdade” e joga com a profusão de hipóteses, incluindo “uma ironia que coloque dubitativamente a nossa mesma proposta”. A Gonçalo Tavares não interessa nem o falso nem o verdadeiro, mas a busca pelo “vestígio mais claro”. Sua faina consistiria em depurar a “memória bamba”, retirar-lhe os excessos, até que reste o osso do dizer: “Ou sintetizar ainda mais. / (A linguagem merece ocupar o mínimo de espaço.) / [...] / A pontaria da linguagem é consequência da sua síntese. / Ser muito em pouco espaço.” (TAVARES, 13/4/2020).

Assim, Tavares seleciona, recorta e modela seu texto – estruturando o “conteúdo *arquivável*”, portanto – conforme o que observa da realidade e como aquilo ecoa em si. Essa espécie de “necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos” (CALVINO, 2010, p. 14) seria o que converte o *Diário da Peste* em uma coleção dos dias duros e dos dias feitos para ver, já que “a vida é transportar aquilo que desaparece” (TAVARES, 18/4/2020).

REFERÊNCIAS

ASSINALAR. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRANCO, Lucia Castello. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

CALVINO, Italo. Coleção de areia. In: _____. **Coleção de areia**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11-17.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOCUMENTAR. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HELDER, Herberto. **Photomaton & Vox**. Porto: Porto Editora (Assírio & Alvim), 2013.

MEMÓRIA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Diante do acontecimento ficar atento e em pé. **Expresso**, Lisboa, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/>

opiniaio/2020-06-21-Diario-da-Peste.-Diante-do-acontecimento-ficar-atento-e-em-pe. Acesso em: 21 jun. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Fielmente luto por tempo mais belo. **Expresso**, Lisboa, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniaio/2020-06-09-Diario-da-Peste.-Fielmente-luto-por-tempo-mais-belo>. Acesso em: 24 ago. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Hoje troquei mensagens com muitas pessoas. **Expresso**, Lisboa, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-06-Diario-da-Peste.-Hoje-troquei-mensagens-com-muitas-pessoas>. Acesso em: 24 ago. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. O segundo século XXI começou em Wuhan. **Expresso**, Lisboa, 18 abr. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniaio/2020-04-18-Diario-da-Peste.-O-segundo-seculo-XXI-comecou-em-Wuhan>. Acesso em: 24 ago. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Um anúncio num site de horóscopos. **Expresso**, Lisboa, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-13-Diario-da-Peste.-Um-anuncio-num-site-de-horoscopos>. Acesso em: 24 ago. 2020.